

A economia portuguesa resiste bem à desaceleração externa

A atividade cresce a um ritmo sólido. Portugal e Espanha continuam a destacar-se positivamente face à desaceleração no crescimento da Zona Euro, conforme mostram os números de atividade publicados ao longo do verão. Especificamente, face à desaceleração do crescimento do PIB no conjunto da Zona Euro (de 0,4% em cadeia no 1T para 0,2% no 2T), o PIB de Portugal manteve um aumento sólido de 0,5% em cadeia (1,8% homólogo) no segundo trimestre do ano (os mesmos registos do 1T). Por componentes da procura, o crescimento apoiou-se no consumo das famílias e no investimento (embora o crescimento de ambos também tenha perdido força) e também na contribuição menos negativa da procura externa. Por setores, mantiveram-se as diferenças entre o desempenho positivo do setor dos serviços (cujo volume de negócios aumentou 3,7% em junho) e as dificuldades do setor industrial (-8,0%), num contraste observado de forma generalizada entre as principais economias avançadas. Por sua vez, a construção também apresentou uma evolução positiva com a faturação do setor a aumentar 2,8% em junho. Além disso, apesar da deterioração do contexto externo durante o verão que referimos nas páginas anteriores desta *Informação Mensal*, os últimos indicadores disponíveis para Portugal continuam a sugerir um desempenho positivo da atividade. Especificamente, em julho, o indicador coincidente da atividade do Banco de Portugal (fortemente associado ao PIB) estabilizou em 2,0% homólogo (2,0% em média no 2T), enquanto o indicador de clima económico também permaneceu em níveis semelhantes aos registados nos dois meses anteriores. Contudo, embora a curto prazo os indicadores sugiram ritmos de crescimento semelhantes aos do trimestre anterior, a intensificação dos riscos globais pode limitar o dinamismo da economia portuguesa.

A balança corrente continua deficitária em junho. No acumulado de 12 meses, o défice da balança corrente era de 2.069 milhões de euros em junho, equivalente a 1,0% do PIB e contrastando com o ligeiro superavit de 41,5 milhões de euros registado no mesmo período do ano anterior. Esta deterioração deveu-se nomeadamente à balança de bens, cujo défice piorou em 3.264 milhões de euros. O superavit da balança de serviços não sofreu alterações e o défice da balança de rendimentos diminuiu. No primeiro semestre, as exportações de bens e serviços aumentaram 3,3% e as importações, 7,3%. As exportações de turismo continuam a ser significativas para as contas externas (8,3% do PIB), com o número de turistas a aumentar 6,8% no primeiro semestre (4,8% em 2018). Finalmente, a balança de capitais registou um superavit de 1,0% do PIB. Por sua vez, a posição de investimento internacional líquida (PIIL) atingiu -100,2% do PIB no segundo trimestre do ano (-205.900 milhões de euros) e a dívida externa líquida reduziu para 87,3%.

O mercado de trabalho continua a melhorar, mas lentamente. No 2T 2019, a população ocupada aumentou 0,9% homólogo.

Portugal: PIB

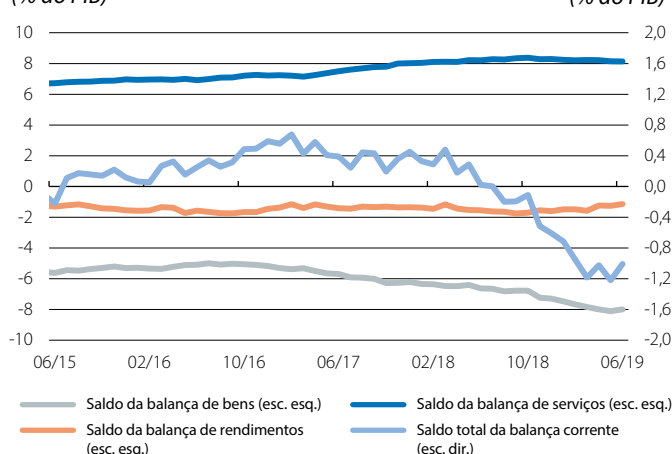
Variação homóloga (%)

	3T 2018	4T 2018	1T 2019	2T 2019
PIB	2,1	1,7	1,8	1,8
Consumo privado	2,4	2,9	2,3	1,9
Consumo público	0,8	0,7	0,6	0,4
Investimento	4,5	7,4	14,0	6,1
Exportações	2,9	0,6	3,7	2,0
Importações	3,5	3,8	8,1	3,1

Fonte: BPI Research, a partir dos dados do INE.

Portugal: balança corrente

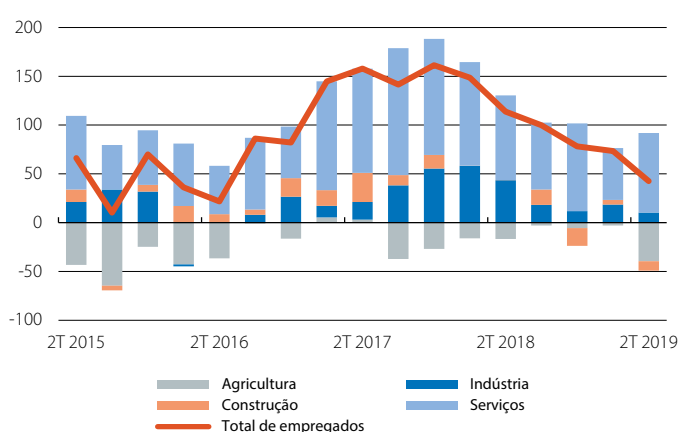
(% do PIB)



Fonte: BPI Research, a partir dos dados do Banco de Portugal.

Portugal: emprego por setores

Variação homóloga (milhares)



Fonte: BPI Research, a partir dos dados do INE.

go, um ritmo positivo, porém mais suave do que na média de 2018 (2,3%). Por setores, a criação de empregos concentrou-se principalmente nos serviços (+81.500 pessoas), com grande destaque para o comércio (+25.800). Este crescimento no emprego ocorreu devido ao aumento de 0,4% homólogo da população ativa e à descida na taxa de desemprego para 6,3% (-0,4 p.p. nos últimos 12 meses). Por sua vez, a remuneração líquida média mensal foi de 911 euros por trabalhador, um valor 24 euros superior ao do 2T 2018 e que dá continuidade à recuperação gradual dos salários.

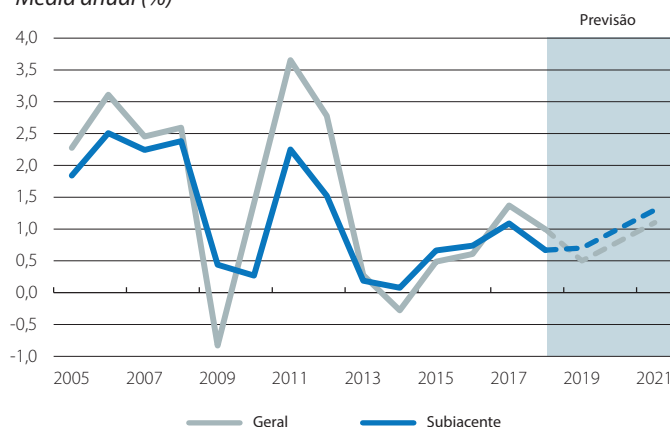
Inflação negativa em julho e agosto. Especificamente, pela primeira vez desde 2015, a taxa de inflação geral registou níveis negativos nos últimos meses de julho (-0,3% homólogo) e agosto (-0,1%). Este dado deveu-se à queda nos preços dos restaurantes e hotéis, bem como à redução da taxa de IVA aplicada à eletricidade e ao gás natural. Desta forma, no decorrer de 2019, a taxa de inflação apresenta um perfil mais moderado, dinâmica para a qual contribuíram algumas medidas adotadas pelo governo, como por exemplo a ampliação para mais anos escolares dos livros didáticos gratuitos e a redução do preço da eletricidade, dos títulos de transporte público e das telecomunicações.

As contas públicas melhoram devido às receitas. Em julho, o saldo público situou-se em -0,4% do PIB (-445 milhões de euros) no acumulado do ano, representando uma melhoria substancial em comparação com os -2,3% registados em julho de 2018. Esta melhoria está a ser sustentada por um aumento sólido das receitas (6,5% homólogo) muito superior às despesas (1,6%). Destaque para o aumento das receitas fiscais e tributárias (+6,1% homólogo), que explica os quase 80% do aumento das receitas totais. Por sua vez, o crescimento contido das despesas deveu-se à queda no pagamento de juros e à baixa execução do investimento.

A carteira de crédito para o setor privado continua em contração. Em junho, a carteira total de crédito privado diminuiu 1,3% homólogo, explicada pela contração da carteira de crédito para empresas não financeiras (-2,4% homólogo; excluindo as vendas de carteiras de crédito de cobrança duvidosa teria aumentado 2,6%) e pelo crédito às famílias (-0,6%). Em termos de famílias, ocorreu uma contração na carteira de crédito à habitação, explicada pelo aumento do amortizado, à medida que as novas operações continuaram a aumentar. Pelo contrário, o crédito ao consumidor continuou a crescer solidamente. Por sua vez, a taxa de incumprimento caiu para 8,9% no 1T 2019, -0,5 p.p. em comparação com o 4T 2018. Esta redução deveu-se à descida do número de empréstimos de cobrança duvidosa em 1.365 milhões de euros em relação ao último trimestre de 2018, devido especialmente ao segmento das empresas não financeiras. Em parte, esta melhoria justifica-se pelo dinamismo nas vendas de carteiras de crédito de cobrança duvidosa, uma tendência que se irá manter no segundo semestre do ano.

Portugal: taxa de inflação

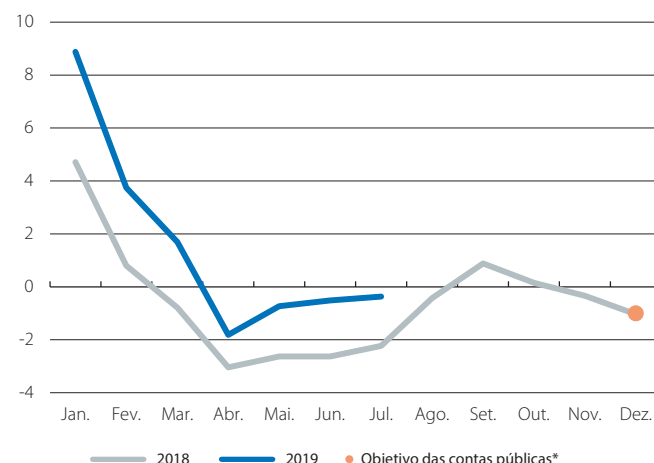
Média anual (%)



Fonte: BPI Research, a partir dos dados do INE.

Portugal: saldo do Estado

(% do PIB)



Nota: * O objetivo oficial (em termos de contas nacionais) é de -0,2% do PIB em 2019.

Fonte: BPI Research, a partir dos dados da DGO e do Orçamento do Estado 2019.

Portugal: crédito ao setor privado

Junho de 2019

	Saldo (milhões de euros)	Varição homóloga (%)
Crédito a particulares	119.652	-0,6
Crédito à habitação	96.829	-1,4
Crédito ao consumo e outros fins	22.823	2,7
Consumo	15.688	8,2
Crédito às empresas	70.664	-2,4
Não promotores imobiliários	65.676	-0,9
Promotores imobiliários	4.988	-18,1
Crédito total ao setor privado *	190.316	-1,3

Nota: * Crédito concedido ao setor privado não financeiro.

Fonte: BPI Research, a partir dos dados do Banco de Portugal.